

# 1

## Introdução



***Nothing is permanent except change***  
**Heráclito**

Este livro aborda um problema que, por diversas razões, atormenta milhares (milhões?) de pessoas em nossos dias: o aprendizado da língua inglesa. A língua inglesa se tornou nos últimos tempos, uma das ferramentas primordiais para o acesso ao conhecimento e como tal, essencial ao desempenho competente de qualquer profissão. Já não se trata mais de aprender a pedir um hambúrguer em uma viagem ao exterior.

O que está em jogo é a sobrevivência profissional, em um mundo cada vez mais competitivo. Além do aspecto estritamente profissional, deve-se levar também em conta o fato de que a língua inglesa se torna cada vez mais presente em todos os aspectos da vida moderna. No lazer, na forma de músicas e filmes, para navegar na Internet, enfim, praticamente em todos os lugares.

Voltando a nossa discussão para o aspecto profissional, nos perguntamos: o que, afinal de contas, é uma profissão nos dias de hoje? Uma profissão é o conjunto de conhecimentos que nos permite executar, com razoável proficiência, tarefas pelas quais alguém esteja disposto a pagar e que garantam o nosso sustento. Como se adquirem estes conhecimentos? De maneira gradual, estudando, observando o mundo ao nosso redor, prestando atenção no modo como outras pessoas trabalham, perguntando, trocando idéias e experiências, lendo livros, publicações, páginas na Internet.

Esta informação adquirida por meio da leitura, tem duas características importantes: é gerada com velocidade cada vez maior e encontra-se escrita, predominantemente, no idioma inglês (estima-se que 80% das páginas da Internet estejam em inglês). A revolução da informação, acelerada pela Internet e pela WWW, faz com que novos conhecimentos sejam gerados em um ritmo assustador. Tudo torna-se

temporário, e os conhecimentos adquiridos, descartáveis, são substituídos por novos, cada vez mais rapidamente. Quem não domina as ferramentas de acesso ao conhecimento se vê indefeso e, o que é pior, rapidamente obsoleto.

O domínio da língua inglesa é uma arma poderosa nesta luta que travamos diariamente na manutenção de nosso capital profissional. Certamente não a única qualificação exigida, mas certamente uma das mais importantes.

Até agora, tudo que fizemos foi expor o problema. A solução então é aprender a língua inglesa. Simples, não? Bem, nem tanto. O problema é o que o domínio do idioma inglês requer uma grande dedicação e um esforço fora do alcance da maioria das pessoas. Aqueles que não tiveram a felicidade de terem pais que os encaminharam, muitas vezes contra a vontade, às aulas de inglês, se vêm hoje na condição de terem que buscar um tempo e disposição que não mais possuem para dominar a língua inglesa.

O enfoque tradicional do ensino de idiomas é ensinar o aluno a falar, ouvir, escrever e ler, ou seja, as quatro habilidades fundamentais. Isto se dá porque dificilmente uma escola de inglês, ou qualquer escola, pode prever que conhecimentos ou habilidades o aluno irá necessitar mais tarde em sua vida pessoal ou profissional. Normalmente um curso de línguas abrange um ciclo básico, com duração média de quatro anos e cerca de três horas de aulas semanais. Ao final deste curso básico o aluno consegue se expressar e entender o idioma razoavelmente. A sua capacidade de escrever e ler, entretanto, ainda é rudimentar. Ao curso básico normalmente segue-se um curso intermediário de mais dois anos e a este um curso avançado, também de duração de dois anos. Ao final dos oito anos de estudos o aluno estará, em tese, plenamente capacitado em todos os aspectos da língua inglesa, escrevendo, ouvindo, falando e lendo com perfeição. Note-se que, tal domínio é condicionado a um investimento grande do tempo do aluno em atividades extra-classe, suplementando o aprendizado de sala de aula.

O problema maior é que oito, ou mesmo quatro anos, é uma eternidade para quem necessita utilizar o idioma no seu dia a dia. Por dia

a dia, entenda-se hoje, agora. A necessidade é imediata. Analistas de sistemas, programadores, médicos, jornalistas e vários outros profissionais, se encontram em uma situação em que a maior parte das publicações e das informações necessárias ao exercício de sua profissão e desenvolvimento profissional, se encontra em inglês.

Estes profissionais, ao se depararem com esta situação, apressam-se em se matricular em um curso tradicional de inglês, visando sanar esta deficiência. Na escola de línguas, entretanto, se deparam com uma metodologia voltada para ensinar a seus alunos a sobrevivência em um país de língua inglesa, quando o que se necessita é apenas aprender as técnicas para ter acesso a literatura especializada, o que é um problema consideravelmente mais simples.

Como nem o próprio aluno sabe quais são suas reais necessidades, de forma a poder procurar uma solução adequada ao seu problema, freqüentemente desiste de seus estudos antes mesmo do final do primeiro ano ou semestre. Mas a necessidade do domínio do idioma persiste, e novas tentativas de aprendizado são feitas e a estas tentativas são associadas novas desistências.

O resultado final deste processo é uma redução da auto-estima da pessoa, que então se convence, muito erroneamente, que não tem habilidade ou capacidade de aprender a língua inglesa. Começa a criar justificativas, internas e externas, para os seus problemas de aprendizado: a língua é complicada, nunca teve facilidade para aprender novos idiomas, não importa quanto se esforce nunca vai aprender, os professores são péssimos, e assim por diante. Cria barreiras que irão impedi-lo de aprender mais tarde.

O que poucos sabem é que o problema não tem nada a ver com o aluno. Primeiramente, o problema reside justamente no fato de que muitos desconhecem que é possível se aprender, dentre as quatro habilidades requeridas para se dominar um idioma, audição, fala, escrita e leitura, apenas uma delas: a leitura. Em segundo lugar vêm as pressões profissionais que exigem o uso imediato do idioma no trabalho, gerando um nível de ansiedade que irá impedir ou dificultar o aprendizado do idioma.

Enfim, qual a solução para este problema? Basta parar um pouco

para pensar no tipo de interação que temos com o idioma inglês no nosso dia a dia. Primeiramente, vivemos em país onde a língua nativa é o português, amplamente disseminada no território nacional e utilizado pela maioria da população, o que faz com que mesmo quem fale inglês fluentemente, o utilize apenas em situações especiais. Em segundo lugar, mesmo no ambiente de trabalho, a maior parte do contato com a língua inglesa se dá por meio de documentação técnica, livros, correspondência e outros, onde o que se necessita é apenas uma compreensão do conteúdo. Ou seja, não precisamos falar, ouvir e possivelmente nem mesmo escrever. Precisamos apenas desenvolver uma habilidade: a leitura.

E porque apenas a leitura? É inegável que, no mundo atual, o domínio completo da língua inglesa é um fator de diferenciação profissional extremamente marcante. Em nenhum momento neste livro se propõe que apenas o domínio do inglês para leitura, ou inglês instrumental, seja a solução para todos os problemas. Dizemos apenas que esta habilidade é a mais útil, mais duradoura e mais fácil de se dominar. Uma vez estando capacitado a ler textos em inglês e tendo sanado a sua necessidade mais imediata, o aluno estará então livre para continuar em seus estudos porém em uma condição totalmente diferente. As suas necessidades profissionais estarão em grande parte atendidas e o seu aprendizado do idioma poderá então se dar em um ritmo mais adequado às suas condições e em um ambiente mais agradável e relaxado, sem sofrer as pressões impostas por seu trabalho.

E mais importante ainda, a tarefa de aprender o idioma inglês fica infinitamente mais fácil para quem domina a leitura. Afinal, com a leitura, o aluno estará aumentando o seu vocabulário, familiarizando-se com a estrutura do idioma e se capacitando para falar, ouvir e, principalmente, escrever muito bem a língua inglesa. Além do que é inegável que a leitura, mesmo em nosso idioma nativo, tenha inúmeros efeitos benéficos. Aprendemos a pensar com mais clareza, desenvolvemos a rapidez de raciocínio, nos tornamos intelectualmente mais ágeis e expandimos os nossos horizontes pessoais e profissionais. Nos tornamos, em consequência, mais aptos a assimilar novos co-

nhcimentos e, conseqüentemente, a sobreviver em uma sociedade predominantemente movida pela informação.

E o melhor de tudo, o aprendizado da língua inglesa para leitura, pode se dar em um período extremamente curto, algo em torno de 6 meses a um ano, dependendo da dedicação do aluno. Neste espaço de tempo, um curso de inglês tradicional, devido a seu enfoque mais amplo, estará conduzindo o aluno pelos primeiros passos no aprendizado do idioma.

Uma pergunta que muitos fazem: “É possível se aprender apenas a leitura, dissociada das três outras habilidades (escrita, fala e audição)?” Embora a maioria das pessoas pensem que não, a resposta é claramente afirmativa, e por diversas razões. Primeiramente, temos os cognatos. Cognatos são palavras que possuem grafia e significado semelhante em ambos os idiomas, como por exemplo as palavras *basis* (discussão). Estima-se que o número de cognatos, em textos técnicos, corresponda a aproximadamente 20% do total das palavras. Este vocabulário, com algumas exceções, é algo que já dominamos e não precisamos nos preocupar em aprendê-lo.

Temos também as 250 palavras mais comuns da língua inglesa, que correspondem a cerca de 60% do total de todas as palavras em textos técnicos. Embora o idioma inglês seja citado no Guinness Book of World Records como o idioma que possui o maior vocabulário, apenas um pequeno número deste total corresponde a uma grande parte de todas as palavras que aparecem em qualquer texto.

Para se ter uma idéia mais acurada do significado desta afirmação, foram destacados em negrito, no texto do quadro seguir, as palavras mais comuns, os cognatos, nomes próprios e numerais. Todos os elementos que podemos identificar facilmente a partir de nosso conhecimento prévio estão ressaltados. Deste texto, composto de 338 palavras, apenas 16 palavras, ou seja 4,7% do total, não se enquadram entre as palavras mais comuns, não são nomes próprios ou numerais. A partir destes dados pode-se observar que o vocabulário absolutamente não é um problema quando se trata de dominar a língua inglesa para leitura. É uma tarefa, que requer um certo esforço, mas ao alcance de toda e qualquer pessoa.

Um outro fator a ser considerado é a universalidade da língua inglesa. A cada passo que damos encontramos algo em inglês: nomes de restaurantes, músicas em inglês tocando em todos os lugares, filmes, livros, revistas etc.

Esta universalidade faz com que todos estejamos familiarizados com o idioma, com o seu som, com a sua aparência. A tarefa do aprendizado, mesmo para quem conheça muito pouco do idioma, se torna muito mais atraente.

Mas o fator realmente determinante para qualquer tipo de aprendizado é a motivação pessoal. Não importa quantos pontos de afinidade a língua inglesa possua com a língua portuguesa, tudo isto de nada valerá se não estivermos motivados a aprender. A nossa motivação e o prazer de aprender são, não raro, destruídos ou afetados adversamente durante nossa passagem pelo sistema educacional vigente. Não obstante tudo isto não podemos nunca nos esquecer da grande capacidade que temos para aprender e de derivar prazer da atividade de aprender. Este é o ponto principal de qualquer aprendizado.

Todos nós, indistintamente, providos de motivação e interesse, temos a capacidade de aprender virtualmente qualquer assunto. Não basta estarmos conscientes de que o aprendizado da língua inglesa é importante, é preciso que consideremos este aprendizado como algo que nos trará prazer, algo que valha a pena nos esforçarmos para conseguir. Não devemos pensar que precisamos aprender a língua inglesa por uma exigência profissional, mas sim porque é algo que nos dará satisfação, acesso a um imenso manancial de conhecimento e muito, muito prazer.

## **Survey Universities**

*Inside the knowledge factory*

The university is one of the world's most durable institutions. But now, says Peter David, it must pass a complex new test.

THE man of a certain age who returns to the university after an absence of many years is assailed by images of youth. The students, beautiful and intense, resemble his children. Laboratories gleam with

the latest high technology. Everything seems to point to the future. All this makes it difficult to remember that the university is one of the world's most ancient institutions, older indeed than the nation-state itself.

The first true university was founded at Bologna in the 11th century, those at Paris and Oxford in the 12th. These ancient foundations, and thousands of imitators, continue to grow and prosper. Although they have changed, they have not changed beyond recognition. The students are no longer mainly monks or medics, as in the middle ages. The curriculum is no longer made up of grammar, logic, rhetoric, geometry, arithmetic, astronomy and music, as in the 18th century. All the same, the modern university is recognisably the direct descendant of the institution it was nearly a millennium ago. That is by any standard a formidable success: something to bear in mind whenever yet another book or essay pronounces — as this one will not — that the academy is in "crisis".

Needless to say, no institution lasts nine centuries without adapting. Only one century ago, for example, Cardinal John Henry Newman, the creator of the Catholic University in Dublin, propounded a definition of the function of the ideal university that soon became famous. But although it is still often cited, his inspiring vision bears scant resemblance to the universities of today. Newman, like Cicero, believed in the need to separate the pursuit of truth from mankind's "necessary cares". His university would therefore be dedicated to the pursuit of knowledge for its own sake, would be the "high protecting power of all knowledge and science, of fact and principle, of inquiry and discovery, of experiment and speculation".

Mas como obter este prazer? Como já dissemos, o inglês em nossos dias é ferramenta de importância primordial para o acesso à informação. Podemos encontrar informação de todos os tipos, basta procurar por aquela que nos interessa, que nos seja atraente. Textos humorísticos, esportivos, médicos, científicos, romances, contos, páginas na Internet, enfim, qualquer coisa que nos agrade e pela qual tenhamos um profundo interesse.



Neste ponto cabe uma analogia extremamente interessante. Quando se tem um carro pode-se escolher para destino nas férias qualquer localidade. A não ser que tenhamos uma pendência marcante para o sofrimento, normalmente escolhemos locais agradáveis e bonitos para passar nossas dias de lazer. Afinal de contas, o carro pode nos levar aonde quisermos. Da mesma forma, uma vez que você domine o inglês para leitura (pense nele como o seu carro), você pode escolher para ler apenas aquilo que lhe dê prazer (o seu destino nas férias). Quanto mais prazer você obtiver com as suas leituras, mais irá ler e aprender. O seu domínio do inglês aumentará a cada dia juntamente com o conhecimento dos seus assuntos favoritos.

Este é o momento de esquecer todos os traumas que você porventura tiver com a língua inglesa. A culpa por qualquer dificuldade de aprendizado certamente não é sua. Já observou o prazer que as crianças sentem e exibem em qualquer atividade que lhes interesse? E que o aprender para a criança é algo tão fundamental quanto o respirar? Elas estão sempre buscando coisas interessantes para fazer e cada segundo de seu tempo é gasto em aprender, mesmo que assim não o pareça. Pois então, volte a ser criança e aproveite. Não pense em aprender a língua inglesa porque precisa. Pense que você está estudando porque gosta. A utilização do conhecimento adquirido, para qualquer fim que seja, será uma decorrência natural. Não faça força para aprender. Tudo que é forçado necessariamente é desagradável. A palavra “forçado” por si só já traz conotações negativas. Forçado, ou compelido, obrigado, enfim, algo que se faz contra a vontade, com resistência. Nada disso! Tente recapturar o prazer de aprender e torná-lo tão natural quanto o ato de respirar.